

O Desafio da Complexidade¹

D. Armani

É importante que tenhamos a coragem de admitir que muitos de nós no campo social somos herdeiros de uma cultura política, por um lado revolucionária – por isto, disposta a grandes mudanças, mas por outro, estruturada por certezas cartesianas, por princípios de contraposição pura entre Bem e Mal, por identidades estáticas e monolíticas, por visões de mundo messiânicas e salvacionistas, e por modos de ser e de fazer de viés autoritário.

Temos estado a lutar constantemente pela superação desta “herança maldita”, ao mesmo tempo em que calibramos nosso ímpeto revolucionário nas condições que nos são dadas historicamente. Estamos comprometidos na construção de uma cultura democrática, mas isto é ainda, e sempre, um processo, onde velho e novo se digladiam, se fundem, mas também se reafirmam.

Ter referenciais de valores, compromissos e visão de mundo claros e sólidos é bússola fundamental para navegar nos mares revoltos da realidade concreta, ainda que isso não nos assegure a chegada a um porto seguro. Mas, uma coisa é usar esta bússola para orientar o curso de nosso barco em direção ao horizonte genérico de “um outro mundo possível”; outra, bem diferente, é pensar que o percurso será em linha reta, que o barco não sofrerá avarias e mudanças, que a tripulação será sempre a mesma, que o porto de chegada seja conhecido, e que haja mesmo uma “chegada”.

Há momentos históricos nos quais as mudanças são muito mais rápidas e complexas. Vivemos hoje em um período de maior complexidade. O mundo se apresenta mais complexo e o nosso olhar fica desafiado a se complexificar para que a gente possa ter capacidade de compreendê-lo.

Numa abordagem complexa, é possível pensar que nossa identidade, como indivíduos e como organizações, está sempre organizada na relação entre “ordem” e “desordem”, ambas internas aos indivíduos e organizações e externas a eles. Em parte, a identidade é dada, em parte é construção; é uma relação entre convicções e compromissos com determinados valores e princípios (uma ética), e uma zona de dúvidas, de inquietações, de experimentações. É a relação entre convicções internas e as incertezas do contexto. É uma relação entre o “sou” e o “estou sendo”; entre o “conhecer” e o “aprender”; entre o “quero” e o “posso”; enfim, entre o que está mais estruturado e aquilo que flui.

Ao adotarmos esta perspectiva para pensar a identidade institucional e nossa presença no mundo em mudança, teremos menos certezas e

¹ Disponibilizado na coluna de D. Armani no Portal do Camp (www.camp.org.br) em 02 de agosto 2011.

seguranças mas, em compensação, seremos mais capazes de sintonia e sinergia com nossas circunstâncias históricas e, portanto, seremos mais capazes de catalisarmos e protagonizarmos mudanças.

A questão que fica para a reflexão é: *como a complexidade do mundo atual interpela quem eu sou e como sou como organização, e o que busco na sociedade e como desafia a capacidade institucional de aprender e mudar?*

Uma resposta desafiadora é a de que colocar a Democracia no centro da discussão pode ser uma estratégia potente para enfrentar os dias atuais sem perder o horizonte estratégico de uma sociedade justa e solidária.